



DEPRESSÃO INFANTIL E A FALHA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO- DA CRIANÇA, UMA DISCUSSÃO PSICANALÍTICA DOS PRIMEIROS VÍNCULOS.

DO CARMO, Bruna de Moraes¹
DOS SANTOS, José Wellington²

RESUMO

O presente artigo traz considerações da importância da relação mãe-bebê, nos primeiros meses de vida da criança, trazendo autores importantes de base psicanalítica, destacando seus estudos sobre esse tema, tendo como contribuição os principais aspectos da teoria de Winnicott, que em suas pesquisas trouxe como fundamental e indispensável, esse vínculo da mãe descrita por ele como mãe suficientemente boa, que dá suporte e forma a onipotência da criança e sua psique, visando que os cuidados desta mãe são o esteio para o seu desenvolvimento não somente psíquico, mas também físico, onde as consequências, ou falhas desta relação no princípio simbiótica, pode estar na base da depressão infantil, descrita por René Sptiz como depressão anaclítica, tendo concluído seus estudos, através da observação de bebês que foram privados da presença da mãe, entre outras patologias decorrentes desta falta.

Palavras-chave: Mãe suficientemente boa, onipotência, falha.

ABSTRACT

This article brings considerations of the importance of the mother with the baby in its first months of life, bringing important authors of psychoanalytic, basis and highlighting their studies on the subject, contributing to the main of Winnicott theory, in his research brought as foundation It is indispensable this bond of mother classified by him as good enough, which supports and shapes the omnipotence of the child and his psyche, emphasizing that the care of the mother are fundamental to their physical and mental development and the consequences, of failure in this relationship. The symbiotic principle, can generate childhood depression, where René Sptiz calls it an anaclitic depression, concluding his studies by observing babies who were deprived of their mother's presence, among other pathologies resulting from this failure.

Keywords: Mother good enough, omnipotence, failure.

INTRODUÇÃO

¹ Discente do curso de psicologia da faculdade de formação integral FAEF Garça/ SP-
moraes89bruna@gmail.com

² Docente do curso de psicologia da faculdade de formação integral FAEF Garça/SP-
wellingtonpsique@yahoo.com.br

DO CARMO; DOS SANTOS.

**DEPRESSÃO INFANTIL E A FALHA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO-
DA CRIANÇA.....**

Este trabalho visa esclarecer a importância da relação mãe-bebê no desenvolvimento afetivo da criança, destacando a possível relação entre as falhas da maternagem e a depressão infantil. Este trabalho tem um viés psicanalítico, a partir do qual vários autores são utilizados, principalmente Donald Woods Winnicott, médico pediatra que desenvolveu seus estudos observando essa relação e sua contribuição no desenvolvimento sadio da criança, pois se nela há falhas ou há falta dessa mãe descrita por ele como mãe suficientemente boa, isso trará consequências, entre elas a depressão infantil. Outros autores também foram abordados, trazendo contribuições acerca do tema.

Entretanto, nesse contexto essa mãe ou quem realiza essa função, vai oferecer para o bebê apenas o suficiente, nada em excesso, seja ausência ou presença demais, para que haja equilíbrio do que é necessário para o bebê.

Segundo Winnicott (1958) a mãe suficientemente boa é a que faz uma adaptação objetiva as necessidades do bebê, que diminui conforme a capacidade do bebê de tolerar frustrações e suportar as falhas decorrentes da mesma. Dentro de seus estudos o autor percebeu que certos cuidados da mãe em relação a criança no simples segura-lo, amamenta-lo, e acalenta-lo denominados por Winnicott como *holding* e *handling*, dependendo da maneira que foram feitos esses cuidados, eles podem influenciar diretamente no desenvolvimento do bebê em sua estrutura física e mental, porém não se trata de uma “super mãe” ou uma “mãe perfeita”, mas sim uma mãe atenta e sensível a qualquer coisa que possa perturbar a tranquilidade ou segurança do seu filho.

Segundo Winnicott (1975), toda as experiências que afetam o bebê são armazenadas em seu sistema de memória e possibilitam a aquisição de confiança no mundo, ou pelo contrário, a falta de confiança.

Ressalta-se também os estudos de René Spitz, autor que realizou um dos primeiros estudos sobre depressão infantil no qual será detalhado no decorrer do trabalho, segundo ele para as crianças, a privação das relações objetivas no primeiro ano de vida era um fator prejudicial que poderia levar a sérios distúrbios emocionais (SPITZ, 1993). Suas pesquisas se deram através de observações longitudinais de bebês e o uso de vídeos contribuindo diretamente para a compreensão dos sintomas que ao longo do tempo foram observados o que ele denominou como “depressão anaclítica”.

Este trabalho se utilizou de uma revisão bibliográfica, buscando uma melhor compreensão do tema, levando em conta a visão de vários autores de base psicanalítica, o material utilizado foram artigos, revistas científicas eletrônicas de cunho acadêmico, livros, sites científicos como Google Acadêmico, Scielo, considerando a metodologia e a fidedignidade.

1. A IMPORTÂNCIA DOS PRIMEIROS VINCULOS PARA A SAÚDE DA CRIANÇA

Nos primeiros meses o bebê desenvolve um vínculo muito forte com sua mãe ou com quem realiza essa função, sendo assim certos cuidados são necessários dos quais dependem sua sobrevivência, além disso é a base para seu desenvolvimento. A criança está em um estado de total dependência, e em processo de adaptação com seus cuidadores, sendo assim isso irá determinar sua maturação.

Nesse processo de dependência, a mãe é esse ambiente vital, pois sem ele não haveria chances de o bebê sobreviver. Winnicott em seus estudos denominou esses cuidados realizados pela mãe como as três funções maternas, ou seja, a apresentação do objeto, *holding* e *handling*. A apresentação do objeto ocorre quando o seio ou a mamadeira são apresentados ao bebê, Winnicott citado por Nasio salienta que, nesse processo onde é oferecido o seio mais ou menos no momento certo, isso dá ao bebê a ilusão de que ele mesmo, criou o objeto do qual sente uma confusa necessidade, dentro desse contexto ao lhe dar a ilusão dessa criação, a mãe permite que o bebê tenha uma experiência de onipotência, isto é, que o objeto adquira existência no momento em que é esperado. (NASIO, 1995, p. 185).

Os cuidados diários com o bebê, ou seja, a sustentação, denomina-se *holding* a proteção da mãe com o bebê e sua sensibilidade as quedas, que para Winnicott esse modo de segurar ou proteger não é somente físico, mas também psíquico, onde esta sustentação psíquica consiste em dar suporte ao eu do bebê em seu desenvolvimento. Ainda dentro do contexto de *holding*, nessa fase de total dependência Winnicott as classifica como dependência absoluta ou relativa.

O ponto focal na dependência absoluta é que neste estado o lactente não tem meios de perceber o cuidado materno, que é em grande parte uma questão de profilaxia, ou seja, não tem condições de perceber o que é bom ou mal feito, mas apenas está em

DO CARMO; DOS SANTOS.
DEPRESSÃO INFANTIL E A FALHA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO-
DA CRIANÇA.....

posição de se beneficiar ou de sofrer distúrbio. (WINNICOTT, 1983). Na dependência relativa “Aqui o lactente pode se dar conta da necessidade de detalhes do cuidado materno, e pode de modo crescente relacioná-los ao impulso pessoal”, que mais tarde, na terapia psicanalítica, pode reproduzi-los através da transferência. (WINNICOTT, 1983). O *handling* se resume a manipulação do bebê enquanto o mesmo é cuidado, como é embalado, e se essa função harmoniza a vida psíquica com o corpo na qual Winnicott chama de personalização.

Dentro deste contexto, outros autores também contribuem nesse tema. Segundo Brum e Schermann (2003), ao nascer, a criança possui necessidades fisiológicas básicas que devem ser satisfeitas, que são: o alimento e conforto. Ela vive o estágio de indiferenciação, sendo incapaz de distinguir estímulos internos e externos, entre ela mesma e seu redor, iniciando o desenvolvimento da noção de objeto que em psicanálise está relacionada à pulsão, ou seja, o impulso parece estar orientado a encontrar um objeto do qual favorece a descarga de tensão interna. O ego busca um objeto que possibilite essa descarga, trazendo assim satisfação as suas necessidades. O objeto pode ser externo ou uma parte do corpo, como uma representação fantasística ou psíquica destes. O impulso em tal contexto se relaciona aos fenômenos puramente intrapsíquicos. Uma situação que pode ser utilizada para exemplificar essa relação é o momento da amamentação, onde o seio da mãe é fonte de gratificação para o bebê. Nesse caso, o seio da mãe é um objeto importante aos impulsos do bebê e é altamente catexizado, ou seja, o bebê investe uma grande quantidade de energia psíquica na imagem ou fantasia desse objeto (o seio). Esse vínculo afetivo entre mãe e bebê que é formado através das trocas de olhares e afetos correspondidos pela mãe, fazendo com que as angústias do bebê sejam acolhidas e a mãe sinta prazer nesse momento, a construção do mesmo, é fundamental, fisicamente e psiquicamente, para essa criança ter segurança. A criança precisa ter assegurado que alguém em algum momento vai atender as suas necessidades, e para se lançar para o mundo na medida em que esse vínculo não somente atenda suas necessidades, mas também possibilite espaços seguros e alimentação adequada.

Winnicott estuda a relação da mãe com seu filho, como base para uma saúde psíquica, onde a mesma é formada nos primeiros anos de vida, através de um apego e adaptação segura que irá determinar sua interação. Inicialmente, a criança precisa de um grau de adaptação ativa a suas necessidades que só pode ser promovida se uma pessoa

dedicada estiver cuidando de tudo. (WINNICOTT, 1975). A mãe que identifica-se com o bebê e atende as suas necessidades, é chamada pelo autor de mãe suficientemente boa, essa mãe que alimenta a onipotência do lactente, e faz repetidas vezes, sendo assim um self verdadeiro começa a ter vida, a mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar essa onipotência, em consequência disse falha repetidamente ao gesto do bebê, ela substitui assim por seu próprio gesto, o lactente a partir disso constrói uma submissão, sendo o estágio inicial do falso self, resultando assim na incapacidade da mãe de sentir as necessidades do bebê.(WINNICOTT 1983, p.133).

A priori é que somente essa mãe suficientemente boa, poderá corresponder a esse processo de desenvolvimento pessoal, onde se a maternagem não for boa o suficiente a criança sofre violações e a partir disso o self verdadeiro não consegue ser formado. (WINNICOTT, 1965).

Há reflexos primitivos que, pode - se dizer, formam a base desses desenvolvimentos, como por exemplo, quando um bebê responde com um sorriso a outro sorriso. Imediatamente o bebê se torna capaz de formas mais complexas de identificação, indicando existência de imaginação. (WINNICOTT,1983, p.85-86).

Dessa forma, através dos estudos de Spitz, foi possível aprofundar essa reação do sorriso, como o primeiro organizador psíquico, uma comunicação ou forma de comportamento entre o rosto adulto e o bebê. Nos primeiros meses de vida o rosto humano aparece como um estímulo para o bebê. O progresso de maturação física e o desenvolvimento psicológico, onde o bebê consegue responder ao rosto adulto sorrindo, este sorriso dá início a um comportamento ativo que ao longo do tempo desempenhará um papel mais importante. (SPITZ, 1993).

2. A RELAÇÃO ENTRE DEPRESSÃO INFANTIL E OS PRIMEIROS CUIDADOS

As primeiras relações afetivas, se constituem como fator fundamental onde se estruturam a mente humana, ou seja, os primeiros anos de vida e a relação do bebê com sua mãe determinam o desenvolvimento do aparelho psíquico do mesmo, esses cuidados maternos são indispensáveis para a sobrevivência da criança.

DO CARMO; DOS SANTOS.
DEPRESSÃO INFANTIL E A FALHA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO-
DA CRIANÇA.....

Segundo Lacan (1953- 1980) a mãe é a peça chave para a construção do psiquismo do sujeito. O primeiro grande outro é a mãe, ela vai emprestando para o seu filho seu olhar, sua voz, se seio, seus movimentos, até que ele próprio consiga apropriar-se de si mesmo, da sua própria identidade, e mais tarde, de sua alteridade.

Nesse âmbito, a mãe suficientemente boa descrita por Winnicott em suas obras e citada anteriormente, é a que efetua a adaptação do bebê ao mundo, e o protege através do holding com um olhar sempre atento às suas necessidades. Segundo Winnicott (1983) existe uma diferença entre o início de um bebê cuja mãe pode desempenhar certas tarefas suficientemente bem e o de um bebê cuja mãe não consiga, que não há validade nenhuma em se descrever bebês nos estágios iniciais a não ser relacionando-os com o funcionamento das mães, ou seja, quando a mãe não é boa o suficiente a criança não pode ser capaz de iniciar a maturação dos ego.

Dentro da obra Winnicottiana, foi observado também, que na fase de dependência do bebê que ocorre entre 6 meses a 2 anos, ele pensa estar relacionando -se com duas mães, a primeira mãe é a dos momentos tranquilos, a que cuidou do filho, que falou e brincou e de quem ele reconheceu o rosto, a voz, as atitudes. A segunda é aquela com quem a criança se encontra na hora das refeições, em fases em que a agressividade pode estar implicada. (NASIO, 1995).

Segundo Nasio (1995), durante a primeira fase da vida, a criança não se preocupava com uma destruição da mãe, mas agora, incomoda-se com ela, pois reconhece que depende da mãe para seu bem-estar. Para que a criança reconheça que a mãe dos momentos de excitação não foi destruída, é necessário reconhecer que a mãe dos momentos de tranquilidade, é a mesma pessoa. Para efetuar esse processo de integração das duas figuras maternas, ela precisa de uma mãe suficientemente boa, que para Winnicott essa mãe suficientemente boa é a mãe que sobrevive as agressividades do bebê. A sobrevivência é representada pela figura dessa mãe que nos momentos de tranquilidade continua com seus cuidados ao bebê, a mãe que sobrevive é a mãe que não se ausenta por longo período de tempo, conservando assim na criança essa representação viva dela que acredita em sua existência, o bebê passa a apresentar uma angustia depressiva, uma certa inquietação, pois é a mãe em sua totalidade que o bebê corre o risco de destruir com seus ataques agressivos.(NASIO, 1995, p.192).

DO CARMO; DOS SANTOS.

**DEPRESSÃO INFANTIL E A FALHA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO-
DA CRIANÇA.....**

Entretanto a criança sente-se culpada, pois a mesma mãe que é objeto seus ataques é também mãe amada e amorosa, nesta confusão de sentimentos ocorre a causa da angústia depressiva e da culpa que a criança pequena se empenha em atividades de reparação e restauração da mãe, quando sentida como danificada ou destruída. Essa reparação é empregada no nível fantasístico e, depois, na realidade, sob a forma de gestos de ternura e de presentes. Para que a criança possa suportar a angústia e a culpa, portanto, ela precisa agir e reparar, assim ela precisa da existência de uma mãe suficientemente boa, ou seja, de uma mãe que consiga sobreviver. (NASIO, 1995).

René Spitz, em seus estudos e observações com crianças entre o sexto e oitavo mês de vida, separadas de suas mães por um período de três meses, durante a segunda guerra mundial e que estavam amparadas em instituições denominou “depressão anaclítica” uma série de sintomas que os bebês passaram a apresentar, após separação. O autor salienta, que como sintomas observados, os bebês tornam -se chorosos, começa a perda de peso há uma diminuição no desenvolvimento e logo recusam-se a qualquer contato permanecendo a maior parte do tempo de bruços na cama, observa-se também uma rigidez facial, lamuria e letargia. (SPITZ, 1993).

Segundo Spitz (1993), uma condição necessária para o desenvolvimento da depressão anaclítica é que, antes da separação, a criança tenha estado em boas relações com a mãe. O autor ainda conclui que “quando existem relações, más entre mãe e filho, antes da separação, as crianças separadas das mães apresentam distúrbios de natureza diferente. Por conseguinte, a depressão anaclítica é muito mais frequente e muito mais grave nos casos de separação posterior a boas relações entre mãe e filho”. Dentro desse contexto concluiu-se que não foi observado nenhum caso de “depressão anaclítica em crianças cujas relações com as mães tenham sido manifestamente más. Nesses casos parecia que qualquer substituto era, pelo menos, tão bom quanto a mãe biológica com quem a relação não era satisfatória” (SPITZ,1993, p.206).

Contudo Spitz (1993) concluiu que na depressão anaclítica, a recuperação é rápida se o objeto de amor, ou seja, a mãe retorna a criança dentro de um período de três a cinco meses.

A ausência da mãe equivale à carência emocional. O autor ainda afirma que isso leva a deterioração progressiva, envolvendo toda a criança. Tal deterioração manifesta-se primeiramente por uma interrupção do desenvolvimento psicológico da criança;

iniciam-se, então disfunções psicológicas paralelas a mudanças somáticas. No estágio seguinte, isso acarreta uma predisposição crescente a infecção e, finalmente, quando a privação emocional continua no segundo ano de vida, leva a uma taxa extremamente alta de mortalidade (SPITZ,1993, p.210-211).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa concluiu-se que, o bebê nos primeiros meses de vida possui a ilusão de unidade fusional com seu cuidador, ou seja, que ele e sua mãe sejam um só, dentro deste contexto não há separação entre eles todas as manifestações e cuidados desta mãe ou quem realiza essa função afetarão diretamente o bebê em todos os aspectos de seu desenvolvimento seja ele psíquico ou físico. A maneira que esse bebê é amamentado, carregado, a maternagem feita por essa mãe, e suas respostas a esse bebê formam sua onipotência, a mãe apresenta o mundo para o bebê desta forma, a mãe num primeiro momento é esse mundo total da criança, essa mãe necessita ser suficiente para esse bebê que depende totalmente dela, o bebê necessita dessa mãe para que sua maturação e a formação de seu self verdadeiro seja feito de forma concreta. Entretanto a mãe descrita por Winnicott como mãe suficientemente boa, não é uma mãe perfeita e sim uma mãe suficiente as necessidades da criança, ela só não pode ser insuficiente, esse escudo protetor não pode falhar, de maneira que isso se torne uma rotina. As necessidades desse bebê devem ser atendidas com equilíbrio nem frustrando ou gratificando demais, pois essa mãe que falta, que falha, uma mãe insuficiente traz para a criança consequências graves como a depressão infantil ou situações que se não identificadas e tratadas podem se estender a vida adulta.

REFERÊNCIAS

BRUM, M. H. E de; SCHERMANN, L. **Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. Ciência e saúde coletiva.** Canoas - RS, 2003. Disponível em: <http://scielosp.org/scielo/pdf>. Acesso em: 13 out 2019.

DO CARMO; DOS SANTOS.
DEPRESSÃO INFANTIL E A FALHA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO-
DA CRIANÇA.....

LACAN, J. **O seminário - livro 4 - A relação do objeto.** Rio de Janeiro. Zahar, 1999
(Originalmente publicado em 1953).

NASIO, J. D. **Introdução as obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Com contribuições de A.M. Arcangioli (et al).** Rio de Janeiro. Zahar, 1995. ISBN 978-85-7110-325-9.

SPITZ, R. **O primeiro ano de vida.** São Paulo. Martins Fontes ,1993. ISBN 85-336-0001-1.

WINNICOTT, D. W. **A natureza humana.** Trad Davi L. Bogomoletz. Rio de Janeiro. Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria a psicanálise.** Obras escolhidas. Rio de Janeiro. Imago, 1958.

WINNICOTT, D. W. **Família e o ambiente individual.** São Paulo. Martins, 1965.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre, Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro. Imago, 1975.